

A ARTE NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES EM ESCOLA PÚBLICA

Jonas Torres Medeiros (UECE).
e-mail: jtorresmedeiros@hotmail.com

José Pereira Maia Neto (UECE).
e-mail: maianeto01@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte integrante de uma pesquisa intitulada “Aprendizagem e saúde mental: a escola como espaço de prevenção do sofrimento psíquico e promoção de qualidade de vida”, desenvolvida no Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Subjetividade (LADES) que é vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Discutem-se nesse artigo basicamente duas questões: a emergência da noção de adolescência no âmbito da história e a importância de se pensar a contribuição do ensino e prática da arte na escola.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica dos referenciais teóricos da pesquisa, com fichamentos, sínteses escritas e discussões sobre os pontos centrais que ajudam a relacionar a dinâmica constitutiva da adolescência com os aspectos referentes à relação entre arte e bem-estar biopsicossocial, os quais devem ser considerados no cenário escolar. Afinal, violência, indisciplina, desmotivação e dificuldades de aprendizagem têm sido queixas frequentes dos educadores, especialmente nos últimos anos do ensino fundamental e no ensino médio. Por outro lado, na adolescência, há um enorme potencial para descobrir, criar e transformar.

Num primeiro momento, neste artigo, procura-se definir a adolescência como um conceito histórico e cultural, que se foi transformando juntamente com processos políticos, sociais e econômicos. A seguir, com base em reflexões sobre a relação entre arte e Psicanálise, buscou-se compreender como ensino da arte no espaço formal da educação pode ajudar a construir vários aspectos da personalidade nessa fase do desenvolvimento. A adolescência é ocasião de um imenso contato múltiplo com objetos reais concretos que funcionam como substitutivos dos objetos primários mãe, pai, irmãos, etc. A escola proporciona ao adolescente um espaço de socialização, com professores, amigos, colegas, etc., onde será construída a personalidade do futuro adulto através dos processos de Identificação.

O resultado dos estudos mostra alguns comportamentos individuais que podem ser observados na fase da adolescência: inquietude física, menor capacidade de concentração, crescente ambivalência frente aos objetos amorosos, regressão a fases libidinais anteriores; bem como comportamentos grupais: conflito entre a lealdade aos pais e ao grupo adolescente; desafios a normas de linguagem, higiene e saúde; gosto por riscos, conflitos com os pais ou substitutos (tais como professores), lealdade aos pares, busca de segurança em grupos, etc.

Assim, procurou-se compreender como a prática da arte (com oficinas, apresentações teatrais, desenhos, exibições de filmes, visitas a museus e exposições) pode ser utilizada no sentido de proporcionar construções lúdicas que envolvem a imaginação, a criação de representações e regras, o respeito aos limites, a liberdade, a tomada de decisões etc.

1 ADOLESCÊNCIA COMO UM CONCEITO HISTÓRICO E CULTURAL

Atualmente, costuma-se entender por adolescência o período que se estende dos 12 ou 13 anos até aproximadamente os 20 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). A adolescência é definida como uma etapa de transição, na qual o sujeito não é mais criança, mas ainda não tem o *status* de adulto.

Contudo, essa concepção natural e aparentemente unânime de adolescência é um dos temas mais discutidos e questionados pelos autores da Psicologia do Desenvolvimento. Defende-se neste trabalho que a adolescência deve ser entendida como um fenômeno cultural, derivado de processos históricos, políticos, sociais e econômicos. (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2008)

A adolescência, da forma como a compreendemos hoje, surgiu apenas com o advento do capitalismo. Assim como os conceitos de família, de maternidade e de infância, o conceito de adolescência tem relação com as transformações sociais e com a própria história da sexualidade: com o que Giddens (1993) denominou de processo de socialização da reprodução. Segundo o autor, com o advento dos métodos contraceptivos modernos, a reprodução foi separada das condições malthusianas de crescimento populacional: o tamanho da família começa a se tornar limitado.

Assim, o sujeito tem a possibilidade de ter filhos pela vontade de criar filhos, como fruto de um interesse autônomo: antes, a quantidade de filhos era tão grande que se tornava inviável considerar o cuidado especial à criança e ao jovem em desenvolvimento, de onde nasce o vínculo afetivo entre pais e filhos. Portanto, nascem daí os conceitos de maternidade e de infância. A sexualidade passa a ter uma existência independente da reprodução.

O conceito de adolescência é fruto de transformações sociais. Sobretudo por causa da contínua especialização e sofisticação do trabalho, com o advento das tecnologias da informação. Isso exige que a formação adquirida na escola e na universidade seja mais ampla. Desse modo, foi introduzido em diversos países o conceito de escolaridade obrigatória até os 16 anos (no caso do Brasil, até aproximadamente os 14 anos). Contudo, os filhos dos operários e das camadas mais pobres da população continuam a ingressar no mundo do trabalho muito cedo. Além disso, existe o desemprego estrutural da sociedade capitalista, aliado ao aumento da expectativa de vida da população, o que coloca a necessidade de ampliar o mercado de trabalho, para garantir a sobrevivência de todos. (SANTOS; XAVIER; NUNES, 2008)

A adolescência, portanto, não deve ser compreendida simplesmente como um período natural do desenvolvimento. Ela precisa ser entendida de forma contextualizada, pois é interpretada e significada por uma dada sociedade.

Os traços típicos da adolescência como fase do desenvolvimento não são dados somente pela biologia. A esse respeito, Levi (apud SANTOS; XAVIER; NUNES, 2008) afirma que existem algumas características da adolescência que são bem próprias do nosso tempo, gerando conflitos e situações específicas que não se encontravam em gerações anteriores. É evidente que ocorrem mudanças no corpo, que se desenvolve com suas características próprias, mas é importante ressaltar que nenhum aspecto biológico ou fisiológico constitui por si mesmo a subjetividade humana.

A sociedade está tornando mais complexas as exigências para a passagem do adolescente para o mundo adulto. Há uma margem de manobra que a sociedade procura permitir aos jovens, para que experimentem a vida sem temor a compromissos e conseqüências, com o intuito de adquirir as capacidades e características que necessitarão

quando adultos para descobrir o seu lugar social. Isso foi denominado de “moratória social” por Erickson (HALL e LINDZEY, 1984).

Além disso, o novo perfil da adolescência em nossa sociedade está sendo desenhado por problemas como: a violência explícita e simbólica velada na mídia, a exclusão social, as relações de poder na sociedade e na escola, o aumento da gravidez e do aborto, a apologia da moda, da beleza e o culto ao corpo, o acesso ampliado à informação, por meio da internet, etc. Essas mudanças têm impacto na forma de pensar, sentir e agir do adolescente.

2 O ADOLESCENTE E A SOCIEDADE

A adolescência é um período em que o ser humano passa por diversas transformações físicas, mentais e sociais. É uma das fases do desenvolvimento humano de maior complexidade, pois é o momento em que o mundo infantil vai dando lugar à maturidade. A sociedade está intimamente relacionada a esse desenvolvimento, pois é nela que o jovem se espelha. O jovem sofre uma espécie de luto pela perda do corpo infantil: os caracteres sexuais secundários obrigam-no a encarar seu novo *status* frente à sociedade; a aparição da menstruação na menina e do sêmen no rapaz impõem-lhe a necessidade de definição sexual e a escolha do papel que irão assumir, através da união com um par e com a procriação. Assim, o jovem sofre a exigência do abandono da fantasia do sexo duplo. Com a possibilidade de conceber um filho, a necessidade de união com outro sexo, o homem deve renunciar às fantasias de procriação dentro do próprio corpo e a mulher à onipotência maternal. (ABERASTURY, 1983)

Durante a puberdade, o corpo do adolescente passa por uma série de mudanças às quais ele não pode controlar. Essas mudanças são, muitas vezes, motivo de estranhamento, principalmente porque elas exigem que ele se adapte a essa “nova” estrutura física. Ele vai perdendo as suas características infantis e, com o passar dos dias, características adultas vão aparecendo.

A adolescência representa, também, o período em que o ser humano passa a ter uma maior autonomia, passa a depender menos de seus pais. O jovem começa a buscar, cada vez mais, uma maior independência.

Para a psicanálise, o sujeito se constitui mediante um processo psicológico dinâmico de Identificações. O processo de identificação parte da idéia de que o sujeito humano só pode ser constituído por outro humano, ou seja, por um semelhante. O homem é o único ser da natureza que nasce dependente, isto é, sem poder sustentar-se nem sequer engatinhar ou tatear em busca de alimento. Se não houver ninguém para socorrê-lo, alimentá-lo, abrigando-o e contendo-o, esse recém-nascido morrerá, inevitavelmente. Desde os primeiros dias do desenvolvimento, portanto, o sujeito está em posição de dependência de outro ser humano e à mercê dos objetos externos.

Essa condição inicial de dependência marcará para sempre seu desenvolvimento psicológico: o indivíduo incorpora não somente o alimento que lhe é oferecido pela mãe, mas também o complexo conjunto de sinais que os outros seres humanos lhe transmitirão, entre eles a linguagem. Portanto, a independência que o adolescente vai adquirindo até tornar-se adulto, deriva na verdade da incorporação, da interiorização de uma dependência. A conseqüência que se pode tirar disso é que somente outro ser humano pode humanizar. (KUSNETZOFF, 1982)

Com relação a isso, é interessante notar que no processo de individuação acima referido, a adolescência é marcada por contradições. Há momentos em que o adolescente deseja se tornar um adulto, para ter maior autonomia e usufruir de certos privilégios e, em

outros, sonha voltar à infância, quando, apesar da dependência aos pais, havia menos cobrança. Durante a adolescência, o jovem tenta entender qual o seu papel na sociedade, qual a sua função social. Busca uma razão para a sua existência. E, principalmente, reflete sobre o que será no futuro. Ele procura, na sociedade, algum lugar no qual possa se encaixar.

É muito comum o conflito com os pais. O adolescente pode começar a criticar as crenças de seus pais e familiares. Isso não significa, no entanto, que ele as esteja rejeitando, não significa que os valores e conceitos que a sua família lhe passou serão esquecidos. Pelo contrário, após refletir e se questionar, ele adota muito dos valores de sua família e os carrega por muito tempo. O que ele objetiva é entender a realidade por si mesmo, tentando não ser totalmente influenciado por seus pais. Através dessa crítica, ele poderá refletir melhor e questionar qual é a validade de tudo o que lhe foi ensinado. Podendo, assim, ter maior segurança em seguir ou não os ideais de seus pais e familiares.

Também os pais, em muitos casos, demonstram dificuldade em compreender e aceitar a maturação intelectual e sexual da criança, fato que os leva a qualificar usualmente a adolescência como fase difícil, esquecendo-se de apontar que essa etapa do desenvolvimento é difícil para ambos: filhos e pais. Portanto, para o estudo da adolescência, é preciso compreender também a ambivalência e a resistência dos pais e da sociedade em aceitar o processo de crescimento. (ABERASTURY, 1983)

É interessante notar que o jovem, em meio às dúvidas, angústias e crises que vivencia, vai se conhecendo melhor e buscando seu lugar na sociedade, num processo (nem sempre muito fácil) que resulta no seu amadurecimento e entrada na fase adulta.

Como já foi dito, a adolescência é o período de transição da infância para a maturidade. Onde o jovem sofre diversas mudanças, tanto físicas quanto psicológicas. Algumas características demonstram que a adolescência encerrou e que o homem está na fase adulta, atingiu a maturidade. Duas delas são a definição da identidade sexual e a capacidade de estabelecer relações afetivas estáveis. Outra é a independência econômica, que é decisiva para uma maior autonomia dele em relação aos pais. Além disso, como já foi dito, a consolidação do seu sistema de valores pessoais, o seu código de ética próprio, também é fundamental.

As alterações físicas características da adolescência fazem parte da puberdade e são comuns a todos os indivíduos. Já as dimensões psicológica e social são vivenciadas de diferentes formas pelos jovens. Diferem em cada sociedade, geração, família e são singulares, até mesmo, para cada adolescente.

Assim, fica fácil entender que, enquanto conceito social, a adolescência é diferente em cada sociedade e depende do momento histórico. Até a idade estimada correspondente a esse período varia de uma sociedade para outra.

Atualmente, a juventude é um dos maiores, senão o principal, alvo do comércio. São diversas as áreas da economia que têm como alvo o público jovem. São inúmeras as inovações tecnológicas, músicas contemporâneas e roupas “da moda” que se destinam, principalmente, aos adolescentes. Muitas propagandas utilizam a imagem de pessoas mais novas para passar uma idéia de jovialidade.

Outro aspecto da adolescência é que ela é um dos momentos da vida humana em que o sujeito mais necessita de apoio, principalmente psicológico, pois é uma época onde há muitas dúvidas e angústias resultantes das diversas mudanças características dessa fase. Os jovens muitas vezes não buscam por si próprios esse apoio, daí a importância de que exista uma maior preocupação por parte dos adultos em fornecer esse apoio.

3 O ADOLESCENTE E A ESCOLA

Nas últimas décadas, a sociedade tem passado por mudanças significativas. A estrutura familiar, por exemplo, tem se transformado enormemente. As mulheres adquirem cada vez mais autonomia com relação a seus maridos, ingressando no mercado de trabalho. Dessa forma, a hierarquia do homem sobre a mulher, comum outrora, começa a diminuir. Os filhos têm muitas atividades e compromissos. Tudo isso faz com que o tempo “em família” seja quase inexistente. Até quando todos estão juntos, as atenções, na maioria das vezes, estão voltadas para a televisão ou para alguma atividade, e quase nunca para os próprios familiares. Além disso, o número de divórcios é cada vez maior. O que faz repensar o conceito tradicional de família como sendo composta por pai, mãe e filhos.

Diante dessa realidade, onde as pessoas têm pouco tempo para ficar “em família”, a escola assume um papel de enorme importância no desenvolvimento de crianças e adolescentes. É verdade que a escola não é o único espaço de aprendizagem. Sobre isso, Brandão (1985, p.7) afirma, nas primeiras linhas de "o que é educação", que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Dessa forma, pode-se afirmar que a educação ultrapassa o ambiente escolar, pois ela está presente "em casa, na rua, na igreja ou na escola". É relevante observar que a educação também acontece na relação entre os homens. Os mais velhos estão, a todo o momento, ensinando algo aos mais novos. Estes também ensinam muito àqueles, pois também têm interpretações e aprendizagens que são desconhecidas pelos mais velhos.

Com relação à educação “em casa”, é interessante notar que a maioria dos pais dos adolescentes de hoje receberam uma educação severa, onde a ordem dos pais deveria ser obedecida sem reclamações. Os valores eram impostos de maneira rígida e repressora. E hoje, diante dessas tantas mudanças na estrutura familiar e na dinâmica social, a realidade tem-se tornado bastante diferente. Os jovens questionam o “poder” dos pais e exigem que a educação dada por eles seja amigável, flexível e democrática. Desejam um projeto educativo no qual a opinião dos filhos tenha uma maior importância.

Diante disso, não são poucos os pais que ficam confusos quanto a como educar seus filhos. Pois não sabem se uma forma rígida de educação seja adequada, mas entendem que deixar os filhos se comportarem como nos “tempos modernos” também não é uma boa idéia.

Muitos pais, por não quererem que os filhos recebam a mesma educação autoritária e repressora que eles receberam, acabam indo para o extremo oposto e deixam os filhos muito livres. O que geralmente não tem um resultado muito benéfico, pois, estando livres, eles acabam se envolvendo com os “perigos modernos” das drogas e vandalismos.

Essa postura dos pais, de deixar os filhos muito autônomos é muito comum atualmente. E isso é preocupante, pois tem criado uma lacuna muito perigosa na educação dos jovens. Pois uma ausência de parâmetros que lhes sirvam de guia e a falta de um objeto contra o qual possam se rebelar faz com que eles se sintam perdidos.

É certo que os pais não devem impor valores morais aos filhos, mas é importante observar que eles têm o direito e o dever de transmitir de forma não autoritária e expor de forma amigável o conjunto de seus valores morais e princípios éticos aos filhos. Entretanto, infelizmente não é isso que vem acontecendo na maioria das famílias na contemporaneidade.

Assim, a escola ganha uma importância indiscutível, porque ela é uma referência marcante na vida do adolescente. Pois é um espaço onde valores são colocados e vivenciados, seja de forma explícita ou implícita.

Por ser o lugar onde as crianças e adolescentes ficam a maior parte seu dia, é a escola o ambiente em que os adolescentes apreendem não só a maior parcela de conhecimentos científicos, como também muitos dos valores sociais.

A escola não é importante, então, apenas pelo conteúdo pedagógico que transmite. Ela permite que o jovem tenha diversas experiências e que aprenda não só os conteúdos repassados que são propostos no currículo formal, mas também diversos outros. Na escola, o jovem entra em contato com as mais diversas pessoas. Podendo, assim, encontrar entre elas as que ele mais se identifica e, assim, formar “grupo de iguais”, que possui fundamental importância no seu desenvolvimento; dessa forma, o adolescente não se sente sozinho em suas escolhas e gostos. Além disso, os jovens têm a possibilidade de, no ambiente escolar, entrar em contato com outros adultos que não são seus pais, podendo, assim, ter outras pessoas como referência.

É importante notar que todas essas relações e aprendizados que ocorrem no ambiente escolar podem ser benéficas ou prejudiciais, depende da situação e das pessoas envolvidas.

A escola é o ambiente ideal para que o aluno possa desenvolver várias capacidades importantes para o ser humano, tais como entender o outro, participar de atividades, cooperar, ajudar, perseverar e desenvolver autodisciplina e responsabilidade. Pois nesse espaço devem existir profissionais educadores que tenham o objetivo de orientá-los.

Nesse sentido, o ensino da Arte ganha importante função, pois possibilita uma relação mais ampla e diferenciada do aluno com o meio, estimula a criatividade do aluno. Contribui, consideravelmente, para o desenvolvimento de capacidades importantes para o crescimento do adolescente.

O ensino da Arte deve envolver não apenas uma atividade de construção de objetos artísticos (como pintura, recortes e esculturas), mas também, e principalmente, o entendimento pelos alunos do que por eles está sendo construído. Assim como um aprendizado da arte enquanto cultura histórica.

Dessa maneira, com a utilização de diversas ferramentas, como o ensino de Arte, a educação escolar tende a ser cada vez mais completa. É importante que os conteúdos curriculares não sejam meramente um programa de educação teórico, sendo essencial que sejam aplicados com maestria.

4 PSICANÁLISE E ARTE: SUAS CONTRIBUIÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR

A Psicanálise e a arte são duas formas diferentes de manifestação e compreensão do homem, que simultaneamente se atraem, se esbarram e em alguns momentos também se afastam (no caso de algumas vanguardas artísticas do século XX). A expressão artística tem desempenhado diferentes funções nas diversas comunidades humanas e no decorrer da história. É um meio de comunicação que manifesta posturas individuais perante a vida, sendo a obra de arte um dos processos pelo qual o homem comunica suas ideias.

A psicanálise ocupou-se da teoria da imagem, quando o próprio Freud tece algumas conclusões sobre a escultura “Moisés”, de Michelangelo (FREUD, 1914/1974b) assim como reflexões sobre “da Vinci” em seu texto “Uma lembrança da infância de Leonardo da Vinci” (idem, 1910/1970), no qual analisa documentos e produções artísticas, realizando um estudo de caso. A imagem artística tem uma função estética que proporciona ao expectador

sensações específicas. Ela é reveladora do fluxo de imagens do inconsciente, possibilitando o acesso ao mundo psíquico.

A psicanálise e a valorização da vida inconsciente, da subjetividade, instituirão uma outra lógica. As contribuições da psicanálise revelam o sentimento de desamparo do ser humano, a valorização do homem como ser simbólico e a uma tentativa de compreensão da existência dos delírios, alucinações, sonhos, entre tantas produções humanas.

Essa compreensão é de extrema importância para trabalhar a arte com os jovens. Apreciação artística e história da arte precisam ter lugar na escola. Contudo, sabemos que, muitas vezes, as únicas imagens na sala de aula são as imagens dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, ou imagens produzidas pelas próprias crianças. A fonte mais freqüente de imagens para as crianças é a TV, os padrões dos desenhos para colorir e cartazes pela cidade (*outdoors*).

Um dos grandes problemas que atinge os adolescentes de hoje é justamente o fato de que a sociedade de consumo oferece aos jovens uma profusão de imagens como modelos de ideais de Eu, oferecendo para sua constituição apenas a possibilidade de idealizações que não trazem consigo nenhuma necessidade sublimatória.

A sublimação é o processo através do qual a energia originalmente destinada a propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades: com freqüência, metas artísticas, intelectuais ou culturais. Segundo Fadiman e Frager (1979, p. 18):

Podemos comparar a energia original a um rio que inunda, destruindo casas e propriedades. Para evitar isso, uma barragem é construída. A destruição não pode mais ocorrer, mas a pressão se desenvolve atrás do dique, ameaçando danos ainda maiores se, em qualquer ocasião, a barreira romper-se. A sublimação é a construção de canais alternativos que, por sua vez, podem ser usados para gerar energia elétrica, irrigar áreas outrora áridas, criar parques e oferecer outras oportunidades recreativas. A energia original do rio foi desviada com sucesso para canais socialmente aceitáveis ou culturalmente sancionados.

O conceito de sublimação é utilizado por Freud muitas vezes referindo-se à atividade artística (embora não seja restrito a esse tipo de atividade). A sublimação é um destino específico da pulsão que consiste em uma substituição de seu objetivo sexual por outro, eventualmente mais valorizado socialmente.

Para as teorias psicanalíticas, existe uma aproximação entre a neurose e a expressão artística (desde que não se veja nesta afirmação um diagnóstico dos artistas). Para Freud (1974a), o conflito é universal e fundador do psiquismo, e a saída que a criação artística oferece a ela é semelhante ao sintoma. Em seu ensaio “O mal estar na civilização” (1974a), Freud afirma que as satisfações substitutivas que a cultura oferece, como a arte, são “ilusões”, mas não deixam de ter sua eficácia, graças ao papel que é assumido pela fantasia na vida psíquica. Freud frisa a capacidade que a arte teria de reconciliar o homem, que sacrifica seus desejos em prol da civilização, reforçando assim seus laços de pertencimento à cultura.

Neste sentido, podemos afirmar que realmente existe um potencial terapêutico no processo criativo do trabalho artístico e que não se pode dissociar a obra do contexto cultural em que foi criada. A criação artística pode ser uma atividade terapêutica ao estabelecer uma via de contato do sujeito com suas próprias vivências internas, emoções e pensamentos, e interferir na relação com os outros. É esse ponto de vista que nos interessa, ao refletir sobre o uso da arte para amenizar o sofrimento humano. O ensino da arte pode ser utilizado na educação formal de adolescentes com este fim: para a formação de conceitos, a catarse e o desenvolvimento da habilidade motora.

Aberastury (1983), trabalhando com atividades de desenho com adolescentes, afirma que o jovem tem uma tendência inconsciente ao desenho. Desenhar, para o adolescente, é recriar algo que se perde. Afirma que “a imagem é fugitiva e o desenho a retém e imobiliza. Esta capacidade de recriar objetos através de imagens permanentes é uma nova forma de lutar contra a angústia de perda” (p. 24).

A escola é um espaço ideal para que se dê o contato sistematizado com o universo artístico e suas linguagens: artes visuais, teatro, dança, música e literatura. Contudo, o que se percebe muitas vezes é que o ensino da arte está relegado ao segundo plano, ou é encarado como mera atividade de lazer e recreação. É preciso compreender que a arte na escola deve ser mais do que dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães. A análise ou apreciação artística de obras literárias estão se reduzindo a um jogo de questões e respostas — um mero exercício escolar que leva a leitura a um nível medíocre e simplifica a condensação de significados de uma obra de arte, limitando a imaginação do leitor.

A escola é um ótimo espaço para mostrar aos adolescentes que a arte não está isolada de seu cotidiano, de sua história pessoal. Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada dos padrões sociais que operam na sociedade. Se nós preparamos os adolescentes para lerem imagens produzidas por artistas, estamos preparando-as para ler as imagens que as cercam em seu meio. Esta maneira de propor o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, visto que a prática educativa não está embasada simplesmente no talento ou no dom, mas na capacidade de experienciar de cada um. Dessa forma, estimula-se os alunos para que se arrisquem a desenhar, representar, dançar, tocar, escrever, pois trata-se de uma vivência, e não de uma competição. Assim, estes adolescentes se reconhecerão como participantes e construtores de seus próprios caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro da psicanálise com a educação é sempre um desafio. Na maior parte dos materiais didático-pedagógicos sobre a prática de ensino, os autores não levam em conta a psicanálise, ou mesmo o conceito de inconsciente, como se tal conceito fizesse parte de outro universo, como se alunos e professores não possuíssem essa dimensão. Esse é um aspecto fundamental para se abordar a saúde mental de crianças e adolescentes na instituição escolar.

A simples admissão da existência do inconsciente coloca sérios questionamentos ao educador. Segundo Catherine Millot (apud Kupfer, 1995, p. 12): “quando o pedagogo acredita estar se dirigindo ao eu da criança é, à sua revelia, o inconsciente dessa criança que está sendo atingido”, o que faz com que os efeitos dos métodos pedagógicos sejam inverificáveis. É por esta razão que Freud afirma que “educar, ao lado de governar e psicanalisar, é uma profissão impossível” (idem.) O encontro entre o que está sendo ensinado e a subjetividade de cada um é que torna possível o pensamento renovado, a criação e a geração de novos conhecimentos.

Reitera-se a importância da escola para que possa se desenvolver a criatividade, a imaginação, a fantasia e a reflexão do adolescente sobre suas próprias idéias, afetos e necessidades, bem como para lidar com as mudanças subjetivas que ocorrem para dar conta das metamorfoses corporais e das novas exigências sociais. A educação em arte e a formação estética no espaço escolar tornam o adolescente mais capaz de dialogar com os códigos, semelhanças e diferenças dos diversos contextos culturais.

Reitera-se, ainda, a necessidade de abordarmos temáticas da subjetividade dos adolescentes, buscando entender como se constituem e de que modo a escola pode atuar como um dos significativos espaços de promoção de saúde mental e de qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 2ª ed.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FRAGER, Robert; FADIMAN, James. Sigmund Freud e a Psicanálise. In: _____. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1979. p. 2-40.

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios Sobre a Sexualidade e Outros Trabalhos**. (Edição Standard Brasileira.) Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1970). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V. 11, p. 59-124. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)

_____ (1974a). O mal-estar da civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 21, p. 81-171. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])

_____ (1974b). O Moisés de Michelangelo. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 13, p. 253-278. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.

HALL, C. S.; LINDZEY, G. **Teorias da personalidade**. Vol 1. São Paulo: EPU, 1984. Paulo: Scipionie, 1995.

KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 3ª Ed. São Paulo: Scipionie, 1995.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Michelle S. dos; XAVIER, Alessandra S.; NUNES, Ana Ignez Belem L. **Psicologia do Desenvolvimento: teorias e temas contemporâneos**. 1. ed. Fortaleza: Liber Livro, 2008.